



A IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DE 7 ÁREAS INTERNACIONAIS VITAIS

George S. Brown, USAF

O presente artigo, escrito pelo então Presidente da Junta de Chefes de Estado-Maior das FA dos Estados Unidos, General George S. Brown, em março de 1977 antes dos últimos acontecimentos no Oriente Médio, envolvendo o Irã, guarda ainda muito de atual e de excelente interesse estratégico.

EUROPA OCIDENTAL

A importância estratégica da Europa Ocidental para a Segurança dos Estados Unidos só perde para a segurança territorial dos próprios Estados Unidos. É uma área crítica do mundo, na qual os interesses fundamentais dos EUA podem ser testados pela União Soviética. É, também, a arena mais importante na qual forças e sistemas de armas dos EUA e da URSS se confrontam diretamente. Nessa área, vemos aplicada, com a maior clareza, nossa política estratégica nacional de começar a defesa dos EUA, o mais longe possível.

Os Estados Unidos olham para a Europa Ocidental como seu parceiro natural para promover a disseminação dos valores políticos ocidentais e de seu pensamento socio-econômico. Além disso, os europeus ocidentais buscam diretamente a liderança dos Estados Unidos. Como os Estados Unidos procuram hoje maior apoio e cooperação da Europa na solução de problemas do Terceiro Mundo, a importância das instituições de segurança do Atlântico Norte aumentará.

É em virtude desses fatores estratégicos que uma parte substancial das forças dos EUA está sediada na Europa. Essas forças são parte integrante da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e constituem o fundamento das garantias de segurança que temos dado a nossos aliados europeus. O objetivo das forças dos EUA na Europa é contribuir para a capacidade dissuasória da OTAN e ajudar a defender essa região, se necessário, contra agressão por parte da União Soviética e seus aliados do Pacto de Varsóvia.

É difícil quantificar a influência estabilizadora que nossas forças desempenham na Europa ou as influências desestabilizadoras que resultariam de sua ausência ou de uma apreciável redução. Para os europeus ocidentais, não apenas aliados como neutros, a quantidade e a qualidade das forças dos EUA são um visível compromisso com a defesa comum do Ocidente. Elas formam o padrão pelo qual nossos aliados medem seus próprios compromissos militares e políticos com relação à segurança. É essencial para a defesa da Europa Ocidental que os Estados Unidos mantenham na Europa sua substancial contribuição de forças militares prontas para o combate.

SITUAÇÃO ATUAL

Nos últimos 27 anos a OTAN tem servido com pleno sucesso aos interesses de segurança dos Estados Unidos e de seus aliados europeus. O desafio estratégico que deu origem à Aliança ainda existe e, de fato, nas palavras do Comandante Supremo Aliado, Europa (SACEUR), "defrontamo-nos hoje com uma ameaça militar cuja magnitude em todas as áreas nunca foi tão grande ou tão clara". Hoje, a OTAN defronta-se com o imperativo de manter uma forte e viável estrutura de segurança para conter uma sempre crescente ameaça militar do Pacto de Varsóvia, em face das demandas sócio-econômicas que competem por recursos críticos.

O atual ambiente de segurança da Europa é produto de percepções e respostas à ameaça militar do adversário. Nos últimos anos, a União Soviética e os países do Pacto de Varsóvia robusteceram substancialmente sua posição militar através de melhoramentos quantitativos e qualitativos de força. É lícito esperar que essa tendência prossiga, uma vez que os soviéticos aparentemente desejam manter uma posição de poder relativo cada vez maior.

As defesas da OTAN contra um crescente fortalecimento soviético baseiam-se numa estratégia de resposta flexível. Se o objetivo primário de deterência da OTAN falhar, sua estratégia requer que a agressão seja enfrentada com uma resposta apropriada, resultante de uma série de opções válidas para preservar ou restaurar a integridade territorial da Aliança. Para que essa estratégia tenha credibilidade, terá a OTAN de organizar forças convencionais, forças nucleares de Teatro de Operações e forças estratégicas nucleares.

Em sistemas de armas nucleares táticas, a OTAN ainda se mantém na dianteira, a despeito de novas ameaças apresentadas à Europa pelo míssil móvel soviético de alcance intermediário SS-X-20, pelo bombardeiro BACKFIRE, e pela aeronave nuclear tática FENCER e FLOGGER.

É nas forças convencionais que se registra a maioria das atuais deficiências da OTAN. Nessa opinião conto com o apoio das autoridades militares da OTAN e do Comandante-Chefe dos EUA na Europa (CINCEUR).

Numa base regional, a capacidade cada vez maior das forças aéreas e navais soviéticas que se defrontam com a OTAN no Norte é matéria de crescente preocu-

pação. Conquanto as forças soviéticas nessa região estejam posicionadas para defender as instalações estratégicas na Península de Kola, existe pouca dúvida de que, por ocasião de um conflito, elas não expandam o perímetro defensivo em torno de Kola. Isso as colocaria numa melhor posição para garantir a passagem de forças para a batalha naval no Atlântico. A atual vantagem da União Soviética nessa região torna crítico o oportuno reforço aliado.

Na região central, o Pacto de Varsóvia tem uma definida superioridade numérica em tanques, carros blindados, artilharia e aeronaves táticas. E a OTAN ainda está em desvantagem pelo mal posicionamento tático de muitas de suas unidades. Um tempo considerável seria necessário para que essas unidades alcançassem as posições defensivas de vanguarda. Um aviso oportuno de ataque do Pacto de Varsóvia nessa região, aliado a uma pronta decisão política, não precisam ser superenfáticas.

Tanto por razões geográficas como políticas, a Região Sul apresenta um problema militar específico. No Mediterrâneo Oriental, o persistente conflito entre a Grécia e a Turquia a respeito de Chipre e do controle dos recursos do Egeu continuam a desviar a atenção desses dois aliados, estrategicamente localizados, para a ameaça comum.

Na Itália, os interesses dos EUA e da OTAN defrontam-se com incertezas motivadas pela influência comunista em expansão no país. A recusa de ceder território italiano para operações dos EUA e da OTAN restringiriam severamente as frotas e as forças da OTAN nessa área de preocupação estratégica e econômica.

Um aspecto muito encorajador nessa região é o progresso feito em Portugal, na preservação dos valores ocidentais face a uma forte ameaça comunista pela conquista do poder.

Forças militares aliadas, terrestres e aéreas, na Região Sul estão menos equipadas do que as forças do Pacto de Varsóvia na área. No mar, onde a contribuição dos EUA na Região Sul é a maior de todas, a tradicional superioridade da OTAN está sendo ameaçada pelo crescente poderio marítimo soviético, que representa uma ameaça direta às rotas essenciais de reforço e de abastecimento da OTAN.

Por outro lado, toda a Aliança, ao cabo de vários anos de subestimar a importância da defesa e de colocar altas esperanças na redução da ameaça militar soviética através da détente, começa hoje a reavaliar a situação. Um ceticismo com respeito às intenções soviéticas está surgindo. Uma percepção sóbria da segurança europeia, bem como algum aumento no apoio popular por uma defesa forte, está se evidenciando. Entretanto, alguns aliados europeus estão tendo dificuldades econômicas e políticas para dar apoio aos atuais níveis de defesa.

Não se considera provável, num futuro próximo, uma decisão, por parte do Pacto de Varsóvia, de iniciar a guerra contra a OTAN. Todavia, se os pontos fracos da força convencional hoje identificados não forem corrigidos, e as possibilidades da URSS/Pacto de Varsóvia continuarem a melhorar, o desequilíbrio resul-

tante poderá levar Moscou a fazer uso prático de sua preponderância da força armada, por coerção e intimidação, em proveito de seus objetivos. O fator crucial é saber se a OTAN tem, na percepção dos líderes do Pacto de Varsóvia, suficiente vontade e poderio militar para fazer com que a agressão militar pareça arriscada demais.

FORÇA DO PACTO DE VARSÓVIA

O Pacto de Varsóvia tem feito significativos progressos, qualificativos e quantitativos, nas áreas de mobilidade, poder de fogo, apoio logístico e comando e controle. Quantitativamente, elas adicionaram novas unidades e aumentaram o número de tanques, artilharia e armas de defesa aérea.

Ao contrário da OTAN, a doutrina, as armas e o equipamento do Pacto de Varsóvia são, de um modo geral, padronizados. Ao contrário dos Estados Unidos, que precisam atravessar um oceano para reforçar a OTAN na Europa, os soviéticos podem rapidamente fazer reforços por terra em larga escala.

O aprimoramento significativo das forças de aviação na URSS/Pacto de Varsóvia continua incessante. Nos últimos cinco anos, o número de aeronaves de nova geração dos países do Pacto de Varsóvia, postos em atividade na Europa Oriental, aumentou de um terço.

O Pacto de Varsóvia tem 3.000 aeronaves de combate, de reconhecimento e bombardeiros destacados ao longo das regiões central e setentrional inferior da OTAN e 920 aeronaves dos mesmos tipos ao longo do flanco meridional. Essas forças estão frente a frente a 1.700 aeronaves táticas da OTAN nas regiões central e setentrional inferior e a 710 aeronaves da OTAN no sul. Nesses totais não está incluído o poderio aéreo da França.

As novas aeronaves do Pacto são mais sofisticadas e mais capazes do que as aeronaves soviéticas anteriores. Outro aspecto perturbador é o aumento da possibilidade de entrega de munições. As forças aéreas do Pacto de Varsóvia em posição podem hoje despejar, em uma surtida, várias centenas por cento maior tonelagem de munição, em maior área de milhas quadradas, do que em 1971. Sua possibilidade de utilização de armas nucleares está crescendo proporcionalmente.

Ao contrário das forças marítimas da OTAN, que têm sido reduzidas, a Marinha Soviética está expandindo constantemente sua capacidade de empreender amplas operações de combate em todo o mundo e de apoiar objetivos políticos em tempo de paz. A base doméstica para três quartos da Marinha Soviética e suas áreas preferenciais de operação estão dentro da área de responsabilidade do Comando Aliado da Europa. Em tempo de guerra, espera-se que as missões principais de Teatro da Marinha Soviética sejam combater as forças navais da OTAN, interditar as linhas de apoio e abastecimento da OTAN e apoiar as operações terrestres do Pacto de Varsóvia.

As forças do Pacto de Varsóvia estão equipados com sistemas de emprego nuclear tático. Além disso, os soviéticos têm centenas de mísseis balísticos de alcance intermediário (IR) que podem golpear as forças da OTAN.

Em 1970, a União Soviética tornou pública uma nova doutrina de guerra, que preconiza um tipo de blitzkrieg, utilizando ataques blindados em massa ao longo de uma ampla frente. Essa doutrina preconiza a conquista de objetivos profundos dentro de poucos dias ou semanas, no máximo. As possibilidades da atual estrutura de força e base logística do Pacto de Varsóvia refletem esse pensamento. Em vista dessas possibilidades e dessa nova doutrina, está claro que o Ocidente terá também de estar preparado para repelir um ataque com pequeno ou nenhum aviso.

ATITUDE E APRESTAMENTO DA FORÇA DOS ESTADOS UNIDOS

No caso de um ataque sem reforços do Pacto de Varsóvia, com pouco ou nenhum aviso, as forças dos EUA estacionadas permanentemente na Europa suportariam o impacto dos ataques iniciais. Nossas forças incluem quatro divisões, três brigadas e dois regimentos de cavalaria blindada; forças aéreas de cerca de 500 aeronaves de combate; e forças navais da Sexta Frota, mais submarinos nucleares de ataque. As forças aéreas poderiam ser reforçadas com aparelhos adicionais dentro de horas, ao cabo de uma decisão de emprego. Já foi posicionado o equipamento para unidades de reforço do Exército dos EUA, e sua decolagem para a Europa é objeto de exercícios constantes. Se o tempo de alerta permitir, existem efetivos sediados em bases norte-americanas e unidades de reserva prontos para serem acionados.

O aprimoramento contínuo do aprestamento da força é meta prioritária do Comando Supremo Aliado, Europa (SACEUR). Como resultado de avaliações feitas durante o ano, o preparo geral na Europa foi considerado bem melhor do que no ano anterior. Intensificou-se o treinamento de tropas, o grau de disponibilidade do equipamento foi muito alto e o trabalho de conjunto de elementos combinados de ataque-defesa foi consideravelmente melhor. Mas o SACEUR ainda exige melhoramentos ainda mais significativos, inclusive treinamento mais eficiente, maior ênfase em testes de preparo para missões pré-planejadas, medidas mais rigorosas de alerta, menor ênfase nos programas para missões não-essenciais e providências mais imaginativas de controle e comando.

Programas para aumentar a proporção de forças de combate em relação a força apoio já foram concluídos. Entretanto, essa transformação de aproximadamente 30.000 forças de apoio em forças de combate, conquanto aumente o poder de combate, acarreta um elemento de risco, especialmente num conflito prolongado.

Para ajudar a corrigir o desequilíbrio de forças entre o Grupo de Exército Norte e o Grupo de Exército Centro na Alemanha, uma brigada deverá ser sediada em Bremerhaven. A capacidade de comando e controle também será revigorada na Alemanha setentrional pela adição de mais unidades móveis de radar 407L. Essas unidades aumentarão a cobertura de radar do Air Defense Ground Environment da OTAN integrando-se com elas. No Norte, maior capacidade de comando e controle será obtida entre o grupo de Controle Tático das Forças Aéreas dos

EUA, Europa (USAFE), e os destacamentos de apoio às operações da OTAN que estão sendo mandadas para dirigir as unidades de comando e controle da USAFE, integrando-as com unidades do Exército sediadas no Norte.

O programa de proteção física para aeronaves táticas de reconhecimento/combate em posição e de dupla base, (forças localizadas nos Estados Unidos, que estão sujeitas a chamado imediato à Europa pelo SACEUR), está progredindo bem. Quase todas as forças norte-americanas em posição e de base dupla na Região Central estão abrigadas contra ataque inimigo com armas convencionais. Além disso, um grande número de abrigos no Reino Unido e na Itália ou já foram construídos ou estão sendo programados. Os esquadrões de reforço, para os quais não existem abrigos, obterão alguma proteção por dispersão, através do programa já ordenado de bases operativas. O progresso no programa de dispersão reduzirá a concentração de bases da USAFE com a introdução de aeronaves F-15 e A-10.

Tem havido um aprimoramento generalizado das forças dos EUA na Europa. Além disso, programas de melhoria em andamento darão nova contribuição à eficácia geral de combate das forças dos EUA. Grandes passos estão sendo tomados para melhorar o nível de combate noturno e em todas as condições de tempo de forças aéreas e terrestres, bem como para localizar e destruir alvos inimigos. Os melhoramentos incluem avançados mísseis solo-ar e interceptores para quaisquer condições de tempo, com capacidade para localizar e abater. Para aumentar a possibilidade de sobrevivência no mar, está sendo desenvolvido um aperfeiçoado sistema de defesa de ponto aproximado. O Sistema Aeroterrestre de Controle e Alerta (AWACS) oferece uma melhoria quantitativa em nosso primitivo sistema de defesa aérea e alerta, assim como para os sistemas terrestres de controle aerotático, tanto em operações defensivas como ofensivas. A comunidade militar da OTAN adotou uma frota de aeronaves de primeiro alerta, e os países estão agora trabalhando para as decisões finais de fabricação e financiamento.

As instalações EUA/NATO, isoladamente ou integradas e devidamente melhoradas são essenciais para coordenação e apoio efetivos. Um plano de melhoria nessa área está em andamento na região central. Embora as comunicações existentes sejam marginalmente adequadas para dar apoio a uma guerra geral, o Sistema Integrado de Comunicações da OTAN encontra-se em adiantado estado de implementação. Esse programa, para modernizar totalmente o sistema estratégico de comunicações na Europa, começou em 1971, e espera-se que esteja concluído por volta de 1981-1982. Adicionalmente, meios estão sendo explorados para garantir redes interoperáveis e interligados, entre os EUA e a OTAN, dessa forma aproveitando melhor os recursos existentes.

Embora a capacidade de guerra eletrônica da OTAN, como um todo, continue a melhorar nas áreas de bolsões aéreos auto-protégidos, receptores de alerta de radar, e a introdução de bolsões Chaff, a atual capacidade para operar num ambiente eletro-magnético hostil permanece pobre. Um programa cooperativo de equipamento, entre oito, nações foi estabelecido para proporcionar lançadores Chaff e armadilhas de infravermelho para unidades navais. Um programa de reequipa-

mento para forças terrestres também foi iniciado e unidades adicionais de guerra eletrônica estão sendo organizadas por diversos países da OTAN.

A capacidade dos EUA e da OTAN de dissuadir e defender-se num ambiente de guerra química é muito limitada. A Alemanha e os Estados Unidos lideram atualmente a Aliança em seus esforços para melhorar o treinamento e colocar em campo moderno equipamento defensivo. O exercício AUTUMN FORGE, realizado na Europa e envolvendo diversos países da OTAN, revelou aperfeiçoamento tanto em equipamento como em treinamento.

Existem dois meios fundamentais de melhorar a contribuição de força dos EUA à OTAN, além de sediar forças adicionais no território europeu em tempo de paz. Estes são pré-posicionar equipamento ou aperfeiçoar a mobilidade. Trazer reforços nos primeiros dias de conflito exige principalmente transporte aéreo melhorado, enquanto que sustentar operações exige, da mesma forma, transporte marítimo aperfeiçoado. Progressos específicos em ambas essas áreas estão sendo programados atualmente, mas ainda não se poderá satisfazer a todas as exigências. Em consequência, esforços intensos estão sendo feitos para atender ao problema geral da mobilidade e para pesquisar novos meios de maximizar o emprego de materiais existentes. No momento, a reconstrução de POMCUS (material pré-posicionado para o exterior arrumado em conjuntos de unidades) continua a ser uma alta prioridade, já perto da meta final. As exigências de Recomputação de Estoque de Reserva de Guerra (WRS), com base em taxas recalculadas de desgaste, têm resultado num aumento enorme de autorizações de equipamento. É urgente cumprir essas novas autorizações.

Embora o posicionamento e aprestamento das forças convencionais dos EUA na Europa tenham melhorado, é evidente, desde logo, que existem significativas deficiências. Como o SACEUR tem frisado, a pronta solução dessas deficiências constitui um passo importante para respaldar a confiança de nossos Aliados. Deixar que as deficiências críticas persistam, particularmente em áreas onde os EUA são considerados como particularmente vulneráveis, poderá ser percebido como falta de resolução. Nossa determinação é a chave para superar com êxito essas deficiências.

CONTRIBUIÇÕES DAS FORÇAS ALIADAS

Os aliados europeus dos EUA continuam a fornecer o grosso da capacidade militar da OTAN na Europa. No primeiro dia de mobilização, as forças da Europa comprometidas com a OTAN consistiriam de, aproximadamente, o equivalente a 48 divisões, 1.900 aviões de combate e 300 de transporte, e quase 550 belonaves.

O poderio de combate das forças da OTAN não-norte-americanas varia grandemente entre os aliados individuais e dentro das regiões da Aliança. Na região norte do Comando Aliado da Europa, tanto a Dinamarca como a Noruega contribuem com pequenas forças regulares, e dependem da mobilização para dar a essas forças a plena eficácia. A Noruega e a Dinamarca juntaram-se aos Estados Unidos, à Bélgica e à Holanda no projeto F-16, tendo a Dinamarca iniciado a introdução de novos tanques Leopard em seu arsenal.

Dentre as três regiões da Aliança os aliados da região central enfrentam o grosso do poderio militar do Pacto de Varsóvia e continuam a apoiar e alcançar programas de defesa da mais alta qualidade. As forças da República Federal da Alemanha (RFA) mantêm um alto grau de equipamento e preparo de pessoal. A Alemanha tem em serviço ativo três brigadas blindadas. A Bélgica dá andamento a um sólido programa de aprimoramento militar. Quatro batalhões anticarros, por exemplo, entraram recentemente em serviço ativo ali. Por sua vez, a Holanda vê-se sob contínua pressão política para reduzir sua contribuição. A força de defesa da Grã-Bretanha está sendo erodida por reduções no orçamento militar, depois da recente revisão na política de defesa.

A situação militar na região meridional da OTAN apresenta certos problemas especiais. A Grécia e a Turquia, por exemplo, necessitam de assistência para satisfazer suas obrigações militares com a Aliança, obrigações que ambos esses países têm reconhecido. A negação dessa assistência restringe seriamente a contribuição desses países à Aliança.

A Itália reduziu recentemente o volume de seus elementos de combate em quase um terço, anunciando o propósito de, em consequência, aumentar-lhes a eficiência. Melhorias qualitativas estão sendo planejadas para todos os seus serviços, superando contratempos orçamentários de origem econômica ou política.

A contribuição militar de Portugal à Aliança consiste em ceder direitos de base às forças dos Estados Unidos e da Alemanha e a uma sede naval da OTAN, especificação de alguma força naval e aérea e a designação de forças terrestres para engajamento na reserva da Região Meridional da OTAN. No contexto do programa da OTAN, os Estados Unidos e a República Federal da Alemanha estão cooperando na modernização das forças armadas portuguesas através de equipes de levantamento, fornecendo artigos de equipamento terrestre e aéreo com os quais poderão organizar uma brigada de exército e um correspondente elemento de apoio aéreo.

A Espanha não é membro da OTAN, mas contribui para o poderio militar regional da Aliança permitindo a instalação de bases em seu território para forças dos EUA. O trânsito pelo território espanhol e o uso de suas instalações operacionais e de apoio, por parte de unidades de reforço dos EUA, são de grande importância para os Estados Unidos e para a OTAN, no Atlântico e no Mediterrâneo.

A despeito de ênfases constantes, as contribuições aliadas em forças ainda estão longe das metas fixadas pelos ministros da OTAN. Como se permite que cada discrepância continue, ela apresenta riscos para a capacidade do Comando Aliado da Europa em conduzir uma defesa bem sucedida e riscos para a credibilidade de nosso poder dissuasivo. Se a contribuição das forças convencionais da OTAN para o poder dissuasivo geral deixar de crescer, existirá maior probabilidade de recurso a armas nucleares durante as hostilidades.

Os aliados europeus, juntamente com os Estados Unidos, estão tentando resolver muitas das deficiências de força convencional com maior ação combinada. Esforços estão sendo hoje encaminhados dentro da Aliança para se encontrar novos meios de alcançar maior padronização de equipamento dentro das forças, na década

de 1980. Entretanto, esta é uma questão delicada para aqueles aliados cujos países possuem indústrias militares bem desenvolvidas. Melhoramentos mais imediatos estão sendo buscados para elevar a interoperação dos atuais sistemas de armas por meio de modificações de pequena monta econômica. Algumas das áreas mais promissoras para a maior interoperação do equipamento aliado são comunicações, munição e combustíveis.

No lado europeu, uma movimentação considerável no sentido de desenvolver um fórum europeu para tratar da padronização tem ocorrido dentro do Eurogrupo da Aliança. O Eurogrupo foi influenciado pelo apoio dado pelos EUA em 1975 a uma "via em dois sentidos" (os Estados Unidos tanto compram como vendem aos europeus) no desenvolvimento e consecução de equipamento padronizado. Num esforço de associar a França a essa iniciativa, os membros do Eurogrupo e a França organizaram recentemente o Grupo do Programa Europeu. Esse grupo está investigando a possibilidade de desenvolver e fabricar conjuntamente certas categorias de armamentos, bem como a possibilidade de expandir a experiência que os europeus adquiriram com os projetos conjuntos de armamentos em curso. Todos esses desenvolvimentos favorecem os esforços da Europa em levantar o nível de seu poderio convencional e reduzir o desperdício e a duplicação que caracterizaram, no passado, os esforços europeus. Estaremos avaliando, com grande interesse, o resultado desses esforços a longo prazo, bem como a relação que eles terão com os Estados Unidos.

REDUÇÕES MÚTUAS E EQUILIBRADAS DE FORÇA

O principal objetivo da OTAN nas negociações sobre Reduções Mútuas e Equilibradas de Força (MBFR) é manter inalterada a segurança, para todos os membros da Aliança, a níveis de efetivos mais baixos que os atuais. Esse objetivo seria alcançado através de reduções de efetivos terrestres da OTAN e de substanciais reduções dos efetivos do Pacto de Varsóvia e de tanques soviéticos. O objetivo da OTAN visa, tão somente, à compensação quanto à superioridade numérica militar do Pacto de Varsóvia em homens e tanques, mas também quanto à proximidade da União Soviética com relação à área de redução. A área de redução, conhecida como a Área de Diretrizes da OTAN, geograficamente inclui a República Federal da Alemanha, a Bélgica, a Holanda, Luxemburgo, a República Democrática da Alemanha, a Polônia e a Tchecoslováquia. As negociações MBFR tratam das forças militares desses participantes diretos, como também das forças estacionadas no Canadá, Reino Unido, Estados Unidos e União Soviética. Também representados nas negociações estão os representantes adicionais indiretos, isto é, cinco países da OTAN e três do Pacto de Varsóvia.

Reunidos em Viena, Áustria, os representantes dos 12 países da OTAN e de 7 do Pacto de Varsóvia continuam aferrados aos princípios básicos de negociação que cada lado advogou no outono de 1973. A OTAN pleiteia um acordo em duas fases. A Fase I consistiria de redução de forças dos EUA e da URSS, inclusi-

ve unidades blindadas soviéticas. Como parte de um acordo da Fase I, a OTAN prontificou-se a retirar, além de soldados norte-americanos, elementos nucleares dos EUA. A Fase II consistiria de reduções adicionais de efetivos da OTAN e do Pacto de Varsóvia, o que levaria a aproximar a paridade militar Leste/Oeste na forma de um teto comum quanto ao poderio terrestre e aeroterrestre combinado. Por outro lado, o Leste procura iguais reduções de percentagem (aproximadamente 15 por cento) para manter a atual correlação de forças. O Ocidente tem explicado que a proposta oriental deixa de levar em conta as disparidades existentes em termos de vantagens numéricas do leste em efetivos terrestres, forças blindadas e vantagens de reforço soviético.

Embora o progresso tenha sido lento, as negociações MBFR deverão continuar a receber apoio, desde que tal acordo não diminua a segurança militar dos Estados Unidos e seus aliados da OTAN. Além do mais, a conduta das negociações não deverá inibir nem o crescimento da cooperação européia de defesa nem os esforços futuros de aprimoramento da força militar da Aliança.

METAS OBJETIVAS

A OTAN não pode se permitir a correr os riscos inerentes à erosão de suas forças convencionais em face do Pacto de Varsóvia, nem o efeito deletério que isso poderia ter sobre a capacidade de estratégia flexível de resposta da Aliança. A OTAN está trabalhando para afastar esses perigos potenciais, embora o progresso dependa em grande medida do apoio econômico e político de cada nação.

O objetivo supremo da OTAN é fortalecer sua posição militar através do melhoramento quantitativo e qualitativo das forças convencionais necessárias para enfrentar o desafio soviético/Pacto de Varsóvia. O melhoramento das forças convencionais exige ênfase na modernização das defesas aéreas, para incluir o emprego de um sistema de alerta antecipado contra ações aéreas, a aceleração de programas de melhoramento naval, a correção de deficiências em guerra eletrônica, em treinamento e equipamento defensivo nuclear e químico e o aumento do poder-de-fogo.

Um objetivo igualmente importante para a OTAN é aumentar a capacidade de reforço da Aliança pela melhoria da capacidade de deslocamento aéreo e marítimo bem como através de planejamento e coordenação detalhados para seu uso. A capacidade de reforço é importante para a região central da Aliança, mas é ainda mais importante para os flancos setentrionais e meridionais.

Um outro objetivo atual é reimplantar os programas de assistência militar e restaurar a coesão do flanco meridional, bem como melhorar o recebimento, desdobramento e apoio aos reforços ao flanco estratégico setentrional.

Em todas as três regiões geográficas, a OTAN tem reconhecido e preconizado a necessidade por melhor planejamento civil-militar, maior armazenamento de equipamento pré-posicionado e de estoques de reserva de guerra, bem como o aperfeiçoamento do apoio por parte dos países hospedeiros para as forças de reforço. O aprimoramento da situação logística geral da OTAN incluirá a ênfase na ex-

pansão da interoperação do atual equipamento militar aliado e, a prazo mais longo, o desenvolvimento e a obtenção de maior padronização dos itens mais importantes do equipamento da Aliança como um todo.

Um outro objetivo é melhorar nossa capacidade, controle e comunicações, para permitir uma rápida tomada de decisão, o que nos parece de grande importância em caso de qualquer crise futura ou conflito na Europa.

Esses objetivos, que não interferem com as prioridades da Aliança, deverão modificar as tendências adversas no equilíbrio militar para enfrentar o desafio do Pacto de Varsóvia. Para conseguirem sucesso, nossos aliados terão de tomar as difíceis decisões de aumentar os gastos de defesa, em termos reais, como fizeram recentemente os Estados Unidos.

PERSPECTIVAS

Em resposta ao maior poderio quantitativo e qualitativo do Pacto de Varsóvia, vimos este ano uma revitalização dos compromissos dos EUA com a segurança do Atlântico Norte. Isso tem sido manifestado tanto em maiores gastos líquidos na defesa, como, e muito mais diretamente, com aumentos substanciais nas forças dos EUA sediadas e comprometidas com a OTAN. Mesmo assim, como um todo, tem deixado de acompanhar o ritmo do melhoramento das forças convencionais do Pacto.

Uma ação corretiva pode e deve ser tomada por todos os aliados, do contrário os riscos aumentarão inaceitavelmente, sobretudo com relação à área da força convencional. O malogro no aprimoramento obrigará a OTAN a recorrer rapidamente à guerra nuclear ou a sofrer as conseqüências da intimidação ou, ainda, ser derrotada pela superioridade de forças do Pacto de Varsóvia.

No momento, está ocorrendo na Europa uma mudança de mentalidade sobre segurança. Grande parte disso relaciona-se diretamente com uma análise mais sóbria dos melhoramentos militares soviéticos e com um maior ceticismo sobre as intenções de détente por parte da União Soviética. Conquanto isto seja uma saudável mudança para o realismo, é contrabalançada pelas fortes dificuldades econômicas de nossos principais aliados, pela instabilidade política de outros, e por disputas regionais e questões que desviam outros de uma resposta adequada à ameaça do Pacto de Varsóvia.

Embora a evidente necessidade de corrigir as deficiências da Aliança esteja, ao que parece, ganhando aceitação, podemos esperar que a Aliança continue a buscar medidas para reforçar a defesa a um custo mínimo, com alguns aliados sendo pressionados, por necessidade econômica ou fatores políticos internos, a reduzir ainda mais os seus esforços de defesa. As atuais tentativas em favor da padronização e da interoperabilidade progredirão à medida em que forem vistas como um meio razoável de conseguir melhor retorno para os investimentos.

Uma atitude convencional da Aliança, adequada à estratégia de resposta flexível e proporcional à ameaça só pode ser conseguida se continuarmos com nosso ímpeto e nos assegurarmos do esforço unido de todos os nossos aliados.

ORIENTE MÉDIO

Importância Estratégica

O Oriente Médio é um corredor estrategicamente importante que interliga os três continentes do Hemisfério Oriental e para onde convergem os interesses das grandes potências. Suas reservas de petróleo são importantes para os Estados Unidos e indispensáveis para os aliados. Setenta por cento das exigências de petróleo da Europa Ocidental e 80 por cento das do Japão terão de ser importados do Oriente Médio. Tais exigências não podem ser satisfeitas por outras fontes. O Oriente Médio tem sido o local para a exploração soviética da aparente fraqueza aliada. Recentemente, os Estados Unidos grangearam crédito e prestígio como um pacificador e promotor do comércio entre países. O controle dessa região por qualquer potência ou coalisão de potências, em oposição aos Estados Unidos, poderá ameaçar a segurança militar, a viabilidade econômica e a liberdade de ação política do Ocidente. A segurança nacional dos EUA, portanto, pode ser aumentada através de estabilização dessa zona de conflito, que tem ameaçado arrastar as grandes potências a uma guerra.

Embora o segundo acordo de desmobilização egípcio-israelense, de setembro de 1975, tenha reduzido a probabilidade de conflito aberto entre os dois países num futuro imediato, a probabilidade de um conflito militar permanece relativamente alta.

O Líbano é, sem dúvida, uma encruzilhada crítica. A solução da crise, delineada numa reunião da Cúpula Árabe no Cairo, em outubro de 1976, oferece uma base promissora de progresso no sentido de uma acomodação política e de reconstrução econômica. O êxito, entretanto, dependerá da habilidade em estimular essa acomodação ou de força e aquiescência por parte de todos os grandes partidos. Mesmo sob o cenário mais otimista, as lideranças libanesas, que podem convocar as tropas da Força de Segurança da Liga Árabe para exigências imediatas de segurança, enfrentarão uma demorada e difícil tarefa em reduzir o prosseguimento das tensões, o desarmamento de milícias privadas terá de ser um objetivo prioritário. O tratamento da questão da presença de palestinos armados no Líbano exercerá um significativo impacto não apenas na estabilidade do Líbano como também no potencial da tensão, bem como na sensível fronteira com Israel.

As duas principais questões que afetam o relacionamento no Golfo Pérsico são o desacordo básico entre árabes conservadores e nacionalistas árabes radicais sobre o destino da evolução sócio-política na Península Arábica, e a apreensão árabe relativa ao crescente poderio e interesses do Irã na área do Golfo Pérsico.

O Golfo Pérsico desfruta hoje de estimulante estabilidade, e as influências radicais dos nacionalistas, que antes ameaçavam a estabilidade da região têm feito pouco progresso recentemente. A tendência atual é no sentido de maior cooperação entre países árabes da Península, e da cooperação Peninsular-Árabe com o Irã, que reforce a segurança regional. São esses os recentes desenvolvimentos, contra um fun-

do de antiqüíssima rivalidade, turbulência e busca de interesses individuais mesquinhos.

O Irã tem sido um forte advogado de um acordo de segurança no Golfo Pérsico, mas os árabes têm sido relutantes em concordar com disposições formais. Ao mesmo tempo, Bahrain, Kuwait, Qatar e os Emirados Árabes Unidos continuam a ficar apreensivos, não apenas com o Irã mas também com o Iraque e a Arábia Saudita, e continuam a promover a satisfação de seus próprios interesses.

Em resumo, o Oriente Médio é e continua a ser um ponto focal de tensão e de instabilidade. Os desenvolvimentos reais e potenciais afetam quase que todos os países do globo, dramatizando destarte o impacto da interdependência entre as nações.

Ameaça

A despeito das concessões negociadas e implementadas pelo Egito e Israel no Acordo provisório do Sinai, os problemas básicos da ocupação israelense de terras antes pertencentes aos árabes e palestinos continuam a fazer do Oriente Médio uma área de conflito potencial. As forças de oposição têm elevado suas quantidades de modernas e sofisticadas armas, aperfeiçoando-se na capacidade e defensiva. Um reinício das hostilidades poderia desencadear possivelmente uma série de acontecimentos que poderiam culminar num outro embargo árabe de petróleo. Se os soviéticos optarem por aumentar seu apoio às forças árabes ou por uma intervenção direta, então haverá uma nítida possibilidade de confronto entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Os Estados Unidos mantêm uma pequena força no Oriente Médio: Bahrain é o porto-chave para a Força dos EUA no Oriente Médio (MIDEASTFOR), que consiste de dois destróieres e um navio-capitânea. A MIDEASTFOR opera no Golfo Pérsico, no Mar da Arábia e no Mar Vermelho e faz visitas portuárias na área que se estende do Leste da África ao subcontinente indiano. O atual destacamento da MIDEASTFOR dá apoio a importantes interesses dos EUA pela manutenção de uma presença naval no Oceano Índico e no Golfo Pérsico. As instalações militares de comunicações em Asmara, na Etiópia, têm proporcionado um apoio primacial às missões do emissário presidencial na região. Outras exigências militares de comunicações estão sendo satisfeitas por satélites. Exigências de comunicações de alta-freqüência poderiam ser atendidas pelo emprego de equipamento móvel/transportável à região.

O Oriente Médio é uma área de grande importância estratégica para os Estados Unidos. O reinício das hostilidades árabe-israelenses poderia apresentar uma ameaça à segurança dos EUA, particularmente se resultasse num grande confronto militar de potência ou em outro embargo de petróleo para o Ocidente. A instabilidade política e militar dentro da própria área do Golfo, se fosse motivo para interromper o abastecimento de petróleo, seria altamente prejudicial aos interesses dos EUA e dos aliados.

Estamos empenhados, portanto, em quatro objetivos principais no Oriente Médio:

- * Estimular uma negociação política do conflito-israelense, que assegure a segurança e a sobrevivência de Israel e que resolva as questões pendentes de uma maneira aceitável por todas as partes;
- * Reforçar as relações dos EUA com os países-chaves da região; e
- * Limitar a influência soviética na região.

Os atuais programas de assistência de segurança destinam-se a apoiar os objetivos acima, ao mesmo tempo que fornecem capacidade militar aos países amigos, a fim de deterem a agressão.

O petróleo do Oriente Médio é essencial para as forças aliadas, que apoiam os compromissos norte-americanos de defesa, bem como para toda a economia dos EUA e de seus aliados na Europa Ocidental e na Ásia. O acesso contínuo ao petróleo do Oriente Médio, a preços suportáveis para nossos aliados da OTAN, para o Japão e os EUA, terá de permanecer como um objetivo importante dos EUA na região, por um futuro previsível.

A atmosfera de intranqüilidade política e de conflito no Oriente Médio tem permitido que a União Soviética espalhe sua influência e promova seus objetivos nessa região do mundo. A despeito dos reveses soviéticos no Egito, os soviéticos continuam sendo uma permanente preocupação para nós. A URSS é o maior fornecedor de armas a muitos países árabes, particularmente a Síria, a Líbia, o Iraque e a República Democrática do Povo do Iêmem. O fornecimento de armas e de ajuda econômica tem permitido aos soviéticos alcançar seus objetivos de firmar acordos militares e políticos. O objetivo sub-reptício da penetração soviética no Oriente Médio é uma tentativa de eliminar ou minimizar a influência ocidental. Ao mesmo tempo, os soviéticos estão procurando aumentar vínculos econômicos, tal como foi evidenciado por um recente acordo comercial com o Irã.

Se os árabes e israelenses obtiverem progresso na resolução de suas disputas e se os árabes puderem sentir uma orientação imparcial na política norte-americana para com o Oriente Médio, é de se esperar que ambos os grupos possam dar apoio continuado ao papel dos EUA na região. Os soviéticos continuarão a tentar explorar oportunidades para enfraquecer a influência dos EUA e aumentar a própria. Entretanto, os líderes árabes não demonstram intenção de permitir que os soviéticos exerçam influência controladora na região.

Esperamos que as tendências de cooperação a curto prazo entre os países do Golfo Pérsico, que se inclinam a neutralizar a influência adversa do nacionalismo árabe e a presença soviética no Golfo Pérsico, prossigam enquanto a região pouco a pouco se moderniza.

ÁFRICA

Importância Estratégica

O vasto continente africano merece atenção não apenas por sua estratégica posição geográfica e formidável tamanho, mas também como fonte cada vez mais importante de matérias-primas para países industrializados. Num mundo em que os recursos são finitos e a competição por mercados é acirrada, os países industrializados dependerão cada vez mais da África para obter matérias-primas.

Os interesses militares dos EUA centram-se principalmente nos países litorâneos da África. De particular importância para os planos de defesa é o acesso a instalações portuárias e a aeroportos, bem como às vias de comunicação que cruzam e contornam a África.

Conseqüentemente, somos sensíveis ao relacionamento que mantemos com países tanto do litoral atlântico como do Índico. Os soviéticos têm ganho terreno na Somália e na Guiné e a atual situação política em Moçambique e em Angola permite que as potências comunistas ganhem acesso privilegiado a recursos e lhes proporcionem especiais privilégios de logística militar prejudiciais aos interesses estratégicos dos EUA.

Muitos países na África ainda continuam sendo afetados por vários graus de animosidade tribal, regional e étnica, por subdesenvolvimento econômico, por frágil infra-estrutura política, e por secas e fome periódicas. Esses fatores, somados à herança de fronteiras coloniais arbitrárias, guerra de guerrilhas na Rodésia e desaprovacão geral do *apartheid* na África do Sul oferecem oportunidade às nações comunistas de se envolverem na região de uma forma que ameaça os interesses dos EUA e do Ocidente.

Ameaça

Não existe ameaça direta aos interesses dos EUA na África. Entretanto, boa parte das disputas que se travam na África têm implicações de grande alcance. As questões consideradas de importância para os interesses de segurança dos EUA incluem: governo da maioria da Rodésia, auto-determinação para a Namíbia, *apartheid* na África do Sul, guerra de guerrilha em Angola, separatismo da Eritréia, irredentismo da Somália e a partilha do antes chamado Saara Espanhol.

O governo da África do Sul, sob intensa pressão internacional, concordou, em princípio, em conceder auto-determinação à Namíbia. Como resultado, os brancos e negros moderados do território envidaram esforços para conceber uma fórmula de governo provisório multi-social que pudesse começar a assumir certas funções administrativas. Contudo, grandes dificuldades interpõem-se no caminho de uma rápida e pacífica transição para a independência.

Sempre haverá pressões para a reforma da política do *apartheid* da minoria branca que governa a África do Sul. Há promissores níveis de expectativa por bene-

fícios políticos, sociais e econômicos no seio das comunidades negras, em virtude de enorme impacto psicológico dos acontecimentos nas antigas colônias portuguesas e na Rodésia.

A resistência guerrilheira ao governo da República Popular de Angola prossegue no sul e no noroeste do país e também no enclave de Cabinda. A despeito de uma série de operações do MPLA, com apoio de tropas cubanas e maciça assistência militar soviética, a União Nacional para a independência total de Angola (UNITA) continua a operar sobre uma grande área no sul de Angola. No noroeste, a rejuvenescida Frente pela Libertação de Angola (FNLA) continua travando resistência mais organizada. Além disso, Cabinda é ponto de contínua atividade guerrilheira por parte da Frente pela Libertação de Cabinda (FLEC). O tóverlinho pós-guerra civil em Angola oferece um forte pretexto para a presença no país de assessores soviéticos e tropas cubanas, o que é intranquilizador para os vizinhos de Angola, particularmente o governo de orientação ocidental do Zaíre.

No Chifre da África, as atividades da Frente Eritríia de Libertação (ELF) e as Forças Populares de Libertação (PLF) continuam a apresentar uma grande ameaça à integridade territorial da Etiópia. Embora a insurreição ELF/PLF seja basicamente um problema interno, ela recebe ajuda externa.

Uma atração mais ativa da Somália, em prol de reivindicações irredentistas nas partes da Etiópia, Quênia ou de território francês de Afars e Issas (FTAI), habitadas por somalis, poderá levar a uma guerra aberta.

No momento, a maior ameaça à paz no Norte da África está na disputa do Saara, que envolve o apoio argelino aos insurgentes saarianos (Polisario) que se opõem à divisão marroquina e mauritaniana do antigo território espanhol.

POSIÇÃO MILITAR DOS EUA

Por tradição, os Estados Unidos têm mantido um baixo perfil militar na África. Hoje, os interesses norte-americanos estão aumentando em vista do quadro recente de rápida e acelerada evolução nessa parte do Terceiro Mundo.

Os EUA têm pessoal militar na Libéria, no Zaíre, na Etiópia, Tunísia, em Quênia e Marrocos com a missão de prestar pequena assistência militar e atender a programas de vendas. O pessoal do Grupo de Assessoramento da Assistência Militar (MAAG) está nesses países por solicitação dos respectivos governos. Em cada um desses países nosso programa de assistência destina-se a reforçar a estabilidade interna e regional e, também, a promover relações bilaterais favoráveis.

O outro contato militar que temos com países africanos realiza-se através de esporádicas visitas de belonaves dos EUA, de aviões militares em trânsito e do treinamento de militares africanos nos Estados Unidos. O contato pessoal direto nesses programas proporciona benefícios a longo prazo.

Os interesses estadunidenses na África podem ser classificados como políticos, econômicos e estratégicos. A importância política da África deriva-se da

própria quantidade de países africanos e do nosso interesse em mostrar-lhes que a intrusão direta de uma grande potência nos negócios africanos, como em Angola, não ficará sem resposta.

O acesso continuado às matérias-primas africanas é cada vez mais importante para os Estados Unidos. Nossa crescente dependência de fontes externas, bem como a necessidade ainda maior por esses recursos da parte da Europa Ocidental e do Japão, é causa de preocupação. Seis dos artigos essenciais e indispensáveis às modernas sociedades tecnológicas são produzidos pela África meridional: cromo, cobalto, diamantes industriais, manganês, metais do grupo platina, e vanádio. A África do Sul, por exemplo, tem mais de 97 por cento das reservas conhecidas de cromo e platina no Mundo Livre. Os Estados Unidos importam atualmente 90 por cento de suas necessidades industriais por esses metais; 45 por cento dessa quota provém da África meridional. A única outra grande fonte dos EUA para cromo e platina é a União Soviética.

A liberdade de trânsito para o comércio marítimo e aéreo na região africana está se tornando cada vez mais importante para os Estados Unidos e para o Ocidente. Com o advento dos super-petroleiros, a maior parte do petróleo procedente do Oriente Médio com destino à Europa Ocidental e aos Estados Unidos passa pelo Cabo. As bases soviéticas em Berbera e em Conakry estão numa situação ideal para interceptar essas rotas de suprimento de petróleo.

Os interesses militares dos EUA evoluem a parte da necessidade de proteger esses interesses políticos, econômicos e estratégicos. Na busca desses objetivos, o acesso militar dos EUA a instalações, aos portos e aos direitos de sobrevoar os territórios é desejável e deve ser procurado em determinadas situações.

Tanto a União Soviética como a República Popular da China continuam a buscar influência cada vez maior na África. O envolvimento de Cuba nesse continente pode ser considerado como um prolongamento da influência da política e do expansionismo militar soviéticos. Através do emprego de força delegada cubana em Angola, a União Soviética logrou recentemente algum êxito na expansão de sua influência na África a custo e risco relativamente baixos. Em comparação com os soviéticos ou com o Ocidente, a China está presentemente um tanto limitada na atividade política. Entretanto, a longo prazo, seu programa inclui promover-se como líder do Terceiro Mundo em luta contra o "imperialismo" do mundo desenvolvido. Tal retórica e a maneira pela qual eles levam a cabo seus programas de assistência econômica exercem uma atração considerável para muitos dos governos africanos.

Para os países africanos que se tornaram independentes recentemente, a segurança nacional tem sido um objetivo imediato. Esses países estão se voltando gradativamente para os Estados Unidos como fonte de suprimento militar, por uma variedade de motivos, inclusive o desinteresse da Inglaterra e da França em fornecer material militar em termos concessionários. Temos presenciado um empenho consciente por parte das potências comunistas em se envolverem na África através de todas as formas de assistência, e é de se esperar que tais atividades prossigam no futuro.

ÁSIA/PACÍFICO

Importância Estratégica

A grande região da Ásia e do Pacífico, contendo dois terços da raça humana, desempenha um importante papel na arena econômica e política do mundo, bem como no terreno militar. A região possui importantes recursos naturais, inclusive petróleo, borracha, estanho, níquel, cobre e fosfato, sem falar em numerosos produtos agrícolas. Vias de comunicação marítima e aérea de vital importância ligam os Estados Unidos ao Pacífico Ocidental, ao Oceano Índico, ao Mar Vermelho e aos ricos campos de petróleo do Oriente Médio. Para proteger esses interesses, e também para proporcionar segurança contra ameaça externa, tornamo-nos militarmente associados com grande número de países, através de tratados bilaterais ou multilaterais de defesa. Os países signatários dependem de nossa presença como um fator de estabilização no espectro de forças pacífico-asiático.

A região caracteriza-se por uma grande diversidade de instituições políticas e bases enormemente diferentes de força política, variando de democracias consolidadas a governos autoritários de estreita base. A liberdade contra ameaça externa é imprescindível para que os países da região se desenvolvam pacificamente e de acordo com suas possibilidades individuais. Embora desejosos de segurança e de estabilidade, os países pacífico-asiáticos são fortemente afetados pelas relações que predominam entre os Estados Unidos, a União Soviética, o Japão e a República Popular da China; pelo crescimento da influência japonesa, da RPC, e vietnamita; pelas expectativas crescentes entre os países menos desenvolvidos não-comunistas; por um frágil mas progressivo regionalismo por toda a área; e pelas conseqüências de tradicional tensão entre vizinhos.

Os objetivos dos soviéticos na região se traduzem pela expansão de sua influência, contrariando os interesses dos EUA, da RPC e japoneses. A concessão de assistência econômica e técnica a países individuais se constituirá no principal instrumento soviético para aumentar sua influência. Embora a União Soviética tenha poderio para empreender operações militares ao longo de sua periferia asiática, o emprego direto de força militar trabalharia em desvantagem e provavelmente será evitado. Operações navais soviéticas, especialmente a navegação pelo Oceano Índico, seriam reforçadas se o acesso a instalações de reabastecimento, reparos e apoio pudesse ser feito no Pacífico Ocidental e na periferia oriental do Oceano Índico. Singapura e os soviéticos negociaram acordos sobre o uso, por parte dos últimos, de instalações navais de reparos de Singapura para navios não-combatentes.

A China continental mantém, e tentará modernizar, forças substanciais de finalidade geral. Essas forças têm capacidade de ameaçar países asiáticos em sua periferia; entretanto, a proteção contra ataques continuará a ser uma das maiores preocupações da RPC.

No sudeste da Ásia a situação de certo modo se estabilizou no ano passado. O surgimento da República Socialista do Vietnã, como a maior potência militar da

região, é motivo de preocupação. Alguns países da região estão adotando política externas pragmáticas, que se mostram menos identificadas com a política dos EUA, enquanto outros continuam a manifestar interesse numa estreita cooperação conosco. A União Soviética, a RPC e o Vietnã estão tentando capitalizar essa evolução pela expansão de sua influência na região. Os países não-comunistas da área continuam a opor-se à dominação da região por qualquer potência ou potências externas no sentido de maior confiança própria na busca de seus interesses de independência. O exército retemperado no campo de batalha do Vietnã, e sua posse de enormes quantidades de material militar capturado, não podem ser ignorados por seus vizinhos. Todavia, a despeito de conflitos esporádicos sobre fronteiras litigiosas e reclamações de ilhas ao largo da costa, é improvável que num futuro próximo o Vietnã se empenhe em operações militares em larga escala contra outro país qualquer.

Nossas relações com o Japão é que constituem um ponto forte. O tratado de segurança entre nossos dois países é um elemento integrante da política de defesa do Japão e da nossa. Ele proporciona uma influência estabilizadora que apóia a orientação democrática do Japão e sua posição militar orientada para a defesa. O Japão tem apoiado coerentemente a presença militar dos EUA na Coreia, visto que a ameaça de um conflito coreano envolvendo as grandes potências afetaria a sua segurança.

Na Coreia, a presença militar norte-americana é a manifestação tangível de nosso compromisso com a segurança da República da Coreia. Nossa presença contribui para demover a agressão norte-coreana ao sul. Tornando-se assim uma contribuição vital para a estabilidade do nordeste asiático de um modo geral. A volatilidade das relações norte-sul-coreanas é um problema importante que poderá perturbar a relativa estabilidade da região a qualquer tempo. Entretanto, embora Pyongyang procure a definitiva reunificação da península coreana, mesmo através de meios violentos, duvida-se que tanto Moscou como Pequim forneçam o indispensável apoio militar a um conflito de sérias proporções contra a Coreia do Sul, especialmente se uma invasão norte-coreana pudesse resultar no envolvimento de forças dos EUA.

A atividade marítima no Pacífico Sul por parte de potenciais adversários tem aumentado significativamente nos últimos anos. Sob esse aspecto, a União Soviética tem liderado todos os países e tem tratado com agilidade de estabelecer relações diplomáticas com as ilhas do Pacífico que têm conquistado recentemente a independência, do mesmo modo como trata de expandir suas atividades comerciais e de pesca na área. Os países novos necessitam de investimento estrangeiro e muitos deles recebem com simpatia a ajuda que provem de qualquer fonte. Tonga e Samoa Ocidental receberam recentemente várias ofertas de ajuda, tanto da União Soviética como da República Popular da China.

No conjunto, parece existir pouca probabilidade de agressão intencional da parte de qualquer país, no momento. Contudo, as hostilidades poderiam resultar de uma escalada mal calculada que surja do tradicional antagonismo local, da concorrência por recursos naturais, ou de conflitos há muito tempo alimentados por territórios litigiosos por parte dos países desenvolvidos da região.

SITUAÇÃO DO NORDESTE ASIÁTICO

O Nordeste Asiático é estrategicamente importante em virtude de sua localização num ponto onde se cruzam os interesses de quatro grandes potências — os Estados Unidos, a União Soviética, a República Popular da China e o Japão — e em virtude da capacidade econômica e industrial do Japão, seu crescente envolvimento em assuntos internacionais e de seu potencial militar. Num Livro Branco de Defesa, o Japão fixou em 1976 sua política de defesa para os próximos anos, baseada na responsabilidade dos Estados Unidos de deter uma agressão em larga escala contra o país. O documento recomenda também o aprimoramento qualitativo das Forças de Auto-Defesa do Japão para conseguir maior poderio de defesa aérea e de guerra anti-submarina que complementem o poderio dos Estados Unidos. Nosso relacionamento mútuo de segurança com o Japão reconhece seu papel-chave no Pacífico Ocidental e constitui um elemento básico na manutenção da estabilidade do Nordeste Asiático.

Nosso relacionamento de segurança com o Japão exige uma presença continuada da Força dos EUA e também seu acesso a bases e instalações. Essas bases, juntamente com as forças norte-americanas destacadas na Coreia, refletem visivelmente a intenção dos EUA, bem como sua vontade e disposição, de ater-se a seus compromissos. Eles são essenciais para levar avante nossa estratégia de defesa e não podem ser atendidos por outras alternativas. Continuamos a reconsiderar exigências de facilidades que assegurem que só aquelas tidas como essenciais às nossas necessidades sejam mantidas. Cumpre-nos, entretanto, considerar quaisquer outras reduções de instalações e forças à luz de seu impacto tanto sobre nosso poderio militar como sobre a percepção de nossa resolução por parte dos nossos aliados.

O maior desafio para a estabilidade da área está na península coreana, onde as forças armadas das duas Coreias, totalizando mais de um milhão de homens, confrontam-se ao longo da Zona Desmilitarizada. Embora a Coreia do Sul continue a melhorar suas forças armadas através de um programa qualitativo de modernização, forças e apoio logístico dos EUA continuam fazendo-se necessárias para manter o relativo equilíbrio militar da península, na medida em que a República da Coreia caminha para a auto-suficiência. Enquanto isso, a Coreia do Norte continua a aumentar seu peso quantitativo de material militar sobre a Coreia do Sul. A presença de forças combatentes dos EUA na República da Coreia é um fator dissuasório para a agressão norte-coreana, proporcionando destarte a estabilidade.

O assassinato de dois oficiais do Exército dos EUA em agosto de 1976, perto de Panmunjom, na Área Conjunta de Segurança na Zona Desmilitarizada, demonstrou a hostilidade da Coreia do Norte e a tensão contínua que existe ao longo da Zona Desmilitarizada. O incidente também demonstrou o valor de forças sediadas na linha de frente e o poderio e a presteza de unidades Continentais dos EUA (CONUS) para emprego mundial. Uma esquadrilha de F-4, procedente da Base Aérea de Kadena, em Okinawa, deslocou-se para a Coreia no dia imediato ao incidente de 18 de agosto. Ao cabo de 15 horas a partir da decisão tomada, uma esquadrilha de F-111 chegou à Coreia, procedente da Base da Força Aérea de Mountain

Home, Idaho, tendo recebido apoio de avião de reabastecimento KC-135, do Comando Aéreo Estratégico, e de navegação aérea estratégica do Military Airlift Command. Essas forças foram revigoradas pelo porta-aviões "Midway" e seu grupo-tarefa, que ficaram a postos no Estreito da Coreia antes que a situação se agravasse na Área de Segurança Conjunta na Zona Desmilitarizada, no dia 21 de agosto de 1976. A chegada oportuna dessas forças não apenas demonstrou o constante empenho dos EUA com a segurança da República da Coreia, como também nossa presteza em responder a maiores provocações na Coreia. Além disso, a atitude negociadora adotada pelos norte-coreanos talvez tenha sido aconselhada pela presença de forças, tanto quanto pelo reconhecimento dos norte-coreanos da repulsa mundial à injustificada grosseria de seus métodos.

SITUAÇÃO DO SUDESTE ASIÁTICO

A União Soviética, a República Popular da China, e a República Socialista do Vietnã estão envidando esforços para consolidar influência no Sudeste da Ásia, enquanto que a Indonésia, Singapura, Malásia, Burma, as Filipinas e a Tailândia estão tentando se ajustar à estrutura do poder em evolução naquela parte do mundo. Reconhecendo força na unidade, vários desses países estão tratando de promover cooperação econômica, social e cultural entre si, enquanto procuram cautelosamente normalizar relações com seus vizinhos comunistas. A Tailândia, influenciada por diferentes pressões comunistas e por mudanças internas de governo, tem vacilado entre uma associação estreita ou frouxa com os Estados Unidos. A preocupação militar fundamental dos tailandeses é com a vulnerabilidade a ataques por parte do Vietnã e com a possibilidade de maior apoio laosiano e vietnamita aos insurgentes comunistas tailandeses. As insurgências de apoio comunista continuarão a flagelar o governo tailandês, mas no momento Bangkok está em condições de contê-las. Presentemente, cerca de duas centenas de pessoal militar dos Estados Unidos permanecem na Tailândia, e os EUA desfrutam do direito de trânsito para nossas aeronaves militares através do país. A Tailândia é signatária do Pacto de Manilha, juntamente com os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a Austrália, a Nova Zelândia, as Filipinas e a França. O país também é membro da Associação de Países do Sudeste Asiático, que inclui a Indonésia, Malásia, Singapura e as Filipinas. Essa organização contribui para a promoção de um senso de identidade regional e desenvolvimento econômico.

As Filipinas são de alta importância para a defesa dos interesses dos EUA no Sudeste da Ásia, particularmente à luz da decrescente presença norte-americana naquela parte do mundo. As ilhas filipinas estão estrategicamente localizadas a meio caminho da linha de países amigos que se estende da República da Coreia à Austrália. A cavaleiro de rotas marítimas vitais ao longo da periferia do continente asiático, nossas bases nas Filipinas estão em posição-chave para proteger essas rotas vitais de comunicação. A localização das ilhas também facilita a proteção do poderio naval e aéreo dos EUA ao longo de todo o sudoeste do Pacífico, do Oceano Índico e do continente asiático.

As Filipinas aliam-se aos Estados Unidos pelo Tratado de Defesa Mútua de 1952. As forças armadas filipinas não prestam nenhuma contribuição direta à posição militar dos EUA; elas proporcionam o grosso da própria defesa nacional e da segurança interna. O governo das Filipinas contribui indiretamente para a posição militar dos EUA ao permitir que operemos os complexos das bases da Clark e Subic. O complexo Subic Bay-Cubi é uma grande instalação de reparos navais, aeroporto e apoio logístico para a Sétima Frota. A base aérea de Clark é um complexo altamente desenvolvido para forças norte-americanas de combate tático e de vanguarda, e também uma importante concha para atividades de comunicações, decolagem e apoio logístico no Pacífico. As Filipinas, na tentativa de se tornar mais independente e menos alinhada aos interesses dos EUA, e reconhecendo o valor cada vez maior dessas bases pós-Vietnã, iniciaram a renegociação do uso continuado por parte dos Estados Unidos.

Situação do Sudoeste do Pacífico

Os países mais importantes do Sudoeste do Pacífico, a Austrália e a Nova Zelândia, estão desenvolvendo sua força econômica através da cooperação regional com os países do sudeste da Ásia, com o Japão e com ilhas recém-tornadas independentes do Sudoeste do Pacífico. Reconhecendo as realidades da atual situação política, eles têm procurado desenvolver vínculos mais amplos com a República Popular da China e com o Vietnã.

As relações dos Estados Unidos com a Austrália e com a Nova Zelândia são excelentes. Governos de coalisão conservadora, nesses países, dispuseram-se, recentemente, a fortalecer laços com aliados tradicionais ao mesmo tempo em que têm reafirmado a importância da cooperação com seus vizinhos. Eles são abertamente pró-Estados Unidos e o têm demonstrado ao permitir visitas de belonaves nucleares, a despeito de um certo grau de oposição política residual interna. A Austrália tem apoiado firmemente a presença naval norte-americana no Oceano Índico, e ambos os governos estão se empenhando em atuar como parceiros ativos sob o tratado tripartite de defesa australiano-neozelandês-norte-americano, dentro de suas possibilidades. Suas ações incluem a manutenção de compromissos visando ao fortalecimento de vínculos cooperativos com a Malásia e a Singapura sob o acordo de Defesa das Quatro Potências, bem como com a Indonésia e com Papua Nova Guiné.

A Austrália e a Nova Zelândia, como países dependentes de linhas de comunicação marítimas e aéreas, estão preocupadas com a manutenção de rotas comerciais numa crise, e dedicam uma parte importante de suas forças navais e aeromárítimas à defesa dessas linhas de comunicação. A Austrália está dando continuidade a planos ambiciosos de renovar suas forças armadas pela substituição de equipamento obsoleto e pela aquisição de destróieres leves tradicionais, aviões de patrulha marítima, tanques e veículos de apoio. A modernização de suas forças navais atenderá aos esforços dos EUA de criar um equilíbrio com a Marinha Soviética no Oceano Índico.

Região do Sul da Ásia e do Oceano Índico

Tendo-se em mente que mais da metade de todo o petróleo do mundo transita pelo Oceano Índico em qualquer momento determinado, a importância estratégica da região torna-se auto-evidente. Os interesses dos EUA nessa região incluem a manutenção do livre acesso aos países produtores de petróleo do Oriente Médio, tanto para nós próprios como para os países da Europa Ocidental e nossos aliados do Pacífico; liberdade de passagem para comércio marítimo e aéreo; e expansão comercial com países litorâneos ou continentais. O acesso a portos e instalações aéreas, para a manutenção de controle efetivo sobre linhas de comunicação marítima e aérea, no caso de conflito, bem como a negativa de bases a potências presumivelmente hostis, constituem facetas importantes desses interesses de segurança.

Como suas forças navais e seu poderio aéreo se desenvolveram, os soviéticos têm demonstrado um interesse cada vez maior em oferecer-lhes assistência e a fazer uso de exibições de força militar para influenciar acontecimentos onde estão em jogo importantes interesses competitivos. Assim, os soviéticos hoje projetam seu poderio militar a áreas distantes, inclusive o Oceano Índico. A visibilidade da União Soviética na área do Oceano Índico inclui não apenas sua presença naval, mas também instalações de apoio na Somália, amplo comércio marítimo e acordos para instalações em favor de sua frota pesqueira. Mostrando sua bandeira na área, é evidente que Moscou espera fazer com que os países litorâneos da região se tornem mais conscientes do poderio militar soviético, e reafirmar sua posição de potência asiática. Com a retirada de força militar britânica do leste de Suez e com a situação de limitada presença militar dos EUA na área, Moscou pode acreditar ser-lhe possível alcançar seus objetivos a um custo mínimo. Se a presença militar soviética é persuasiva, muitos dos países dali poderão considerar a amizade com a União Soviética como uma alternativa prudente de acomodação com a República Popular da China ou de alinhamento com o Ocidente.

O foco do interesse soviético no Sul da Ásia ainda continua sendo a Índia. Desde a assinatura do Tratado Indo-Soviético de Paz, Amizade e Cooperação, de agosto de 1971, os soviéticos já entregaram cerca de \$ 700 milhões em armamento. A despeito da posição atual da Índia em se recusar a ceder bases e instalações para navios e aviões soviéticos, o apoio militar e a ajuda econômica da URSS à Índia continua, e espera-se que a União Soviética prossiga em seus esforços de obter acesso às instalações navais e aéreas da Índia para uso por parte de suas forças militares.

Equilibrando a presença soviética no Oceano Índico, estão as forças navais de várias potências ocidentais. A França mantém uma presença naval para proteger seus interesses no Território Francês de Affar e Issa e também La Reunion, e para projetar influência entre suas antigas colônias. Os ingleses ainda destacam uma pequena força naval no Oceano Índico, anualmente, para participar dos exercícios do Tratado Central de Organização. Os atuais sedimentos navais dos EUA no Oceano Índico estão em coerência com a política norte-americana de aumentar periodicamente a presença mínima permanente que temos mantido naquela área há

mais de uma geração. A Austrália também destaca uma pequena força naval, anualmente, para o Oceano Índico.

Nossa presença militar na região é composta, principalmente, de forças navais e aéreas, em destacamentos periódicos. Tais desdobramentos de forças, em parte facilitados pelas modestas instalações de logística e comunicações que estão sendo construídas em Diego Garcia, dão apoio não somente aos interesses nacionais dos EUA como também aos interesses de nossos amigos e aliados, uma vez que tal presença proporciona um lembrete tangível de nossos interesses mútuos em matéria de segurança e estabilidade no Oceano Índico.

Relações Sino-Soviéticas na Ásia

A animosidade e a desconfiança entre a União Soviética e a República Popular da China refletem-se no emprego de força ao longo de sua fronteira comum de 4.150 milhas. Aí estão envolvidos, aproximadamente, 40 por cento do Exército de Libertação do Povo Chinês e 25 por cento de forças soviéticas. Embora não tenha havido conflitos mais sérios desde 1969, sempre se registram escaramuças de menor porte ao longo da fronteira. Esse confronto é simbólico de competição mais ampla por parte de ambos os países para conseguir maior influência mundial, frequentemente às custas dos outros. Nenhum dos dois tem logrado grande êxito no estabelecimento dessa hegemonia, mas eles continuam a competir por influência, enquanto os países asiáticos em mira tentam conservar uma equidistância cautelosa. A China tem uma vantagem na Ásia porque é a maior potência mais próxima e em virtude da afinidade cultural. Mas faltam-lhe recursos econômicos, tecnológicos e militares em comparação com os soviéticos.

Enquanto a União Soviética e a China continuam a se confrontar, a maior parte dos países da região conquista maior liberdade de ação e muitos deles já registram menores ameaças de subversão.

No ano passado, os soviéticos melhoraram qualitativamente suas forças navais no Pacífico. E embora a China esteja concentrando maior aprimoramento em suas forças de defesa interna, ela reconhece a ameaça apresentada pela expansão soviética e vê com bons olhos a continuação da presença militar dos EUA como uma ajuda para enfrentar os soviéticos.

Com o falecimento de Mao Tse-Tung, os soviéticos lançaram uma campanha de propaganda destinada a mostrar seu interesse na distensão do confronto, mas não há sinais de uma reação favorável por parte da China. A profundidade da animosidade sino-soviética desde início da década de 1960 milita contra uma reconciliação mais ampla de suas diferenças políticas e de fronteiras, embora se considere possível uma limitada acomodação para atenuar as tensões.

Desdobramento e Poderio dos EUA

A estratégia avançada de desdobramento das forças militares dos EUA no Leste da Ásia e no Pacífico Ocidental baseia-se em três considerações fundamentais:

defesa dos Estados Unidos contra ataque através do Pacífico; segurança de linhas vitais de comunicação marítima e aérea, para a sobrevivência de nossos amigos e aliados; e, graças a essa presença, a expressão visível para honrar nossos compromissos firmados.

No ano de 1977 existiam nove esquadrilhas táticas de combate da Força Aérea destacadas no Comando do Pacífico (PACOM). Forças terrestres destacadas além do Havaí consistem de uma divisão de Exército na Coreia. O desdobramento de nossas forças navais consiste de duas forças-tarefa com porta-aviões, quatro esquadrões de patrulha e uma Força Marítima Anfíbia no Japão.

As alianças e as amizades são reforçadas pelo mesmo elemento que torna bem sucedida a dissuasão — a percepção estrangeira da determinação e do poderio dos EUA. Para inibir a expansão de áreas soviéticas de influência e anular seus esforços para minar as amizades e as alianças dos EUA, nosso poderio e nossa determinação terão de ser nitidamente sentidos tanto por nossos amigos como por nossos adversários. O guarda-chuva protetor dos EUA deve ser tão convincente quanto o permita o limite de nossas forças, e essa proteção é mais bem proporcionada por sedimento avançado. Nossas forças terrestres na Coreia, a Sétima Frota no Pacífico Ocidental e as forças aéreas táticas desdobradas na Coreia, no Japão e nas Filipinas proporcionam uma medida de dissuasão tanto quanto uma garantia visível a nossos aliados.

Se essa dissuasão falhar, e dependendo da forma que a agressão declarada assuma, será necessário um rápido aumento a partir do exterior para o teatro de operações. A disponibilidade de aumentar forças para o PACOM é que determinará o ponto avançado ao qual nossa defesa pode ser mantida e qual a eficiência condizente com as linhas de comunicação abertas. Se o conflito tiver início, é essencial que as Forças do PACOM realizem operações prioritárias para destruir ou neutralizar o poderio soviético para projetar força no Pacífico. A mobilidade de nossas forças em apoio às nossas unidades de bases avançadas é a chave para o sucesso de nossa estratégia.

As regiões da Ásia e do Pacífico continuarão a ser de importância primordial para os Estados Unidos. Conquanto não se preveja nenhum conflito importante a curto prazo, a paz é precária e a estabilidade política continuará a ser um problema até que os governos locais possam satisfazer as aspirações políticas e econômicas de suas populações. No último ano ficou patente que os líderes da maioria dos países asiáticos, inclusive as lideranças da República Popular da China, apreciam a presença de forças militares norte-americanas como um fator de estabilização. A cooperação ininterrupta dada por governos locais, aliada a um Programa de Segurança e Assistência para fortalecer a estabilidade interna, contribuirá para nossa capacidade de proteger nossos interesses nacionais na Ásia, principalmente ao Sul. As forças do PACOM podem atender às exigências de uma vasta gama de planos gerais de guerra e contingenciais, mas qualquer redução ou retirada da condição de posicionamento avançado incidiria na questão de nosso propósito e aptidão para proporcionar uma reação adequada.

O ATLÂNTICO

Importância Estratégica

A área do Oceano Atlântico é importante para os Estados Unidos como uma avenida de comércio mundial e como uma linha crítica de comunicações com a Europa, com o Oriente Médio e com a África.

O tráfego marítimo e aéreo sobre o Atlântico Norte é mais denso do que em qualquer outra área oceânica. O petróleo do Golfo Pérsico e o cromo da África Oriental põem em destaque a importância das rotas do Atlântico Sul. O Caribe concentra o tráfego oceânico pelo Canal do Panamá. Uma séria interrupção dessas linhas de comunicação prejudicaria o fluxo de materiais essenciais aos Estados Unidos e à Europa Ocidental. Mais importante ainda, uma interrupção dessas restringiria severamente o reabastecimento e o reforço da Europa Ocidental em tempo de guerra.

A Islândia, os Açores, Bermuda e as Baamas são ilhas localizadas estrategicamente que oferecem bases militares de importância crítica aos vínculos entre a Europa e os Estados Unidos. As bases militares instaladas nessas ilhas são usadas como postos de navios e aviões, para apoio em trânsito, caça e resgate de guerra anti-submarina, vigilância marítima e instalações de navegação. A posição geográfica da Islândia é de extrema importância para a segurança das linhas atlânticas de comunicação. Do mesmo modo, a base aérea de Lajes, nos Açores, é de alta significação, particularmente se um rápido re-suprimento da Europa e do Oriente Médio se torne necessário.

A ameaça à área do Atlântico provém preliminarmente de forças marítimas da União Soviética. Maior poderio naval soviético para operar ao longo do litoral da África tem exercido grande pressão sobre nossa capacidade de proteger importantes rotas comerciais do Atlântico Sul, as quais proporcionam materiais essenciais aos EUA e à Europa. O poderio dos soviéticos para interditar essas linhas de comunicação está crescendo em proporção direta com o sucesso dos soviéticos em firmar acordos de base, com países litorâneos africanos. Na ausência de semelhantes acordos de base, o Ocidente terá de depender cada vez mais de reabastecimentos em movimento e deverá aceitar riscos maiores às forças desdobradas para proteger as linhas de comunicação do Atlântico Sul.

De um ponto de vista puramente militar, o Oceano Atlântico pode ser considerado uma área de patrulha dos Estados Unidos e de submarinos estratégicos de mísseis balísticos soviéticos. O Atlântico Norte proporciona cobertura aos submarinos Poseidon/Polaris dos EUA e submarinos mísseis balísticos soviéticos que patrulham o Atlântico e têm o poder de atingir alvos nos Estados Unidos e na Europa.

A preocupação fundamental que afeta o equilíbrio de forças no Atlântico é a força de submarinos soviéticos. Existem mais de 200 submarinos designados para as Frotas do Mar do Norte e do Báltico e praticamente todos eles contribuem para ameaçar as linhas de comunicação do Atlântico. Quase todos os submarinos

soviéticos que operam no Atlântico estão baseados no litoral de Murman e devem insinuar pela brecha Groenlândia-Islândia-Inglaterra para atacar as linhas de comunicação do Atlântico Norte.

As frotas soviéticas do Mar do Norte e do Báltico têm o poder de realizar operações anfíbias com duas forças de infantaria naval do nível de um regimento, reforçadas por unidades de fuzileiros motorizados do Exército Soviético. Essas forças poderão ser empregadas no norte da Noruega e no Báltico, constituindo-se numa forte ameaça às instalações de alerta e às bases do comando anti-submarino.

Os soviéticos estão aperfeiçoando seu poder de detecção e de localização, utilizando satélite de reconhecimento oceânico com radar. Os desdobramentos soviéticos de bases de apoio em Cuba, Guiné e Somália aumentam a cobertura de navios navais de reconhecimento para atender às rotas do petróleo procedente do Golfo Pérsico e da Venezuela. Os soviéticos têm demonstrado poder de interditar linhas de comunicação para a Europa, bem como as rotas no Atlântico.

A instabilidade política de vários países, em ambos os lados do Atlântico, afetam adversamente os interesses dos EUA. Embora alguma melhoria seja observada, a premente necessidade de Portugal por apoio político e econômico exerce impacto tanto sobre a solidez da OTAN como sobre a utilização futura dos Açores por parte dos EUA. Temos esperança de que as disputas islandesas sobre questões de pesca não reacendam a antipatia islandesa para com a OTAN e a Força de Defesa da Islândia equipada com homens dos EUA. A proximidade com os Estados Unidos, o Commonwealth das Baamas, e as atuais negociações para importantes instalações de bases norte-americanas, afetam os interesses dos EUA. Finalmente, a presença e influência da Rússia na Guiné e em Cuba são hostis aos nossos melhores interesses.

Os atuais compromissos dos EUA e seus aliados para um esforço de defesa marítima no Atlântico totalizam cerca de 50 por cento das forças necessárias para lutar uma guerra marítima convencional. O projetado apoio aliado parece que continua a declinar.

A recente redução no poder de mobilização da Força Anfíbia Inglaterra/Íslândia criou um vácuo que requer a designação de outras forças. Essa redução, dada a um crescente poderio naval soviético no Atlântico, exige um aumento nas atribuições de força de outros aliados ou em remanejamento das forças dos EUA. Em ambos os casos hoje se requer um cumprimento seqüencial das tarefas de deslocamento anfíbio da OTAN. Já não há suficientes forças navais da OTAN para atender simultaneamente a todas essas exigências.

As exigências de força de mobilidade estratégica não são razoavelmente realizáveis só com os efetivos dos EUA. Os níveis planejados de deslocamento aéreo marítimo serão insuficientes para o necessário desdobramento estratégico sem o emprego de meios comerciais e militares da OTAN. Existe também uma forte dependência de forças de Reserva e de respaldo comercial, o que presume uma pré-declaração de mobilização por parte das autoridades nacionais dos EUA e da OTAN.

Os recursos norte-americanos, utilizados em navegação comercial e escolta, não satisfazem às exigências de deslocamento marítimo. É imprescindível a plena participação da OTAN quanto a reforço e reabastecimento.

Os países da OTAN reconhecem a necessidade de melhorar a estrutura total de suas forças. Devemos continuar a estimulá-los a alocar recursos suficientes para manter e melhorar as possibilidades de suas próprias forças nacionais.

As forças à disposição do Comando do Atlântico (LANTCOM) para planejamento de contingência mudaram pouco no ano passado. A conversão de Polaris a Poseidon é total, com exceção de duas unidades. As operações cada vez maiores de aviões F-4 e S-3 continuam a melhorar tanto na guerra anti-aérea como na luta anti-submarina.

Certas missões críticas continuam a exigir ênfase e aprimoramento a fim de satisfazer às exigências de beligerância. O rápido estabelecimento de barreiras ao longo de pontos de estrangulamento marítimos é um aspecto importante do controle do mar. No caso das forças navais norte-americanas de superfície, com poder de lançar minas, não estarem à disposição numa determinada localização, forças aéreas de base terrestre serão utilizadas no papel de lançadores de minas e de patrulha. A capacidade desses aviões lançarem um grande número de minas numa ampla área precisa e rapidamente, torna-os uma importante força de apoio na tarefa de controle do mar, pela Marinha.

Em vista da crescente ameaça soviética no campo tático e aéreo-marítimo de longo alcance, maior ênfase está sendo dada à importância da participação da Força Aérea do Atlântico (AFLANT). A penetração do inimigo através das brechas e ilhas G-I-UK (Groenlândia, Islândia e Grã-Bretanha) terá de ser sustada logo no início do conflito. Daí exigir-se da força AFLANT uma atitude de pronta resposta para interditar naquela área, pela interceptação aérea e fogos de artilharia de costa, as forças soviéticas aéreas ou de superfície. Da mesma maneira, o apoio da AFLANT será indispensável para repelir uma possível ameaça às linhas marítimas de comunicação na região do Caribe. Existe uma exigência para direitos de base, quando o apoio da AFLANT às linhas de comunicação marítima for necessário na região do Atlântico Sul.

O Comando do Atlântico tem escassez de plataformas de desembarque anfíbio ASW, submarinos, escoltas de comboio e minas ASW, e forças de contramedidas de minas. Tais deficiências podem ser contrabalançadas, em certo grau, pelo emprego de navios mercantes e pelas contribuições de nossos aliados da OTAN.

A contribuição da Islândia a operações de êxito depende de seu uso como uma base avançada de alerta, vigilância e interdição de forças hostis. Entretanto, há necessidade de melhorar as instalações de alerta e de defesa contra a ameaça aérea soviética cada vez maior.

Um outro aspecto que afeta o emprego imediato da Islândia como base avançada é a necessidade de melhorar o existente poder de apoio. Os sistemas de

reabastecimento de aeronaves, os processamentos de oxigênio líquido, e o armazenamento e a manutenção de mísseis exigem melhoramento. Além disso, também estão a exigir melhoramento as instalações de comando e controle, bem como o poder de comunicações insular para dentro e para fora. O efeito cumulativo de adiar essas melhorias prejudica nossa capacidade de enfrentar a ameaça soviética.

Os objetivos militares dos EUA para as áreas do Oceano Atlântico incluem a defesa das vizinhanças marítimas e aéreas dos Estados Unidos, Europa e Zona do Canal do Panamá; segurança de linhas marítimas de comunicação; e defesa da base naval norte-americana de Guantanamo. Nossa estratégia exige a condução de operações aeroespaciais e navais, com ênfase nas operações ASW, para defender o CONUS contra ataque nuclear estratégico; proteção de linhas de comunicação marítima e aérea para garantir o rápido reforço e ressuprimento do Comando Europeu dos EUA e o fluxo contínuo de material de apoio, bélico e combustível, para a Europa Ocidental e os Estados Unidos; proteção de áreas vizinhas vitais para o Hemisfério Ocidental; e estímulo a outros aliados dos EUA e organizações regionais de segurança a prestarem assistência, se necessária.

Desde que foi fundada, temos agido no pressuposto de que a aliança da OTAN seria capaz de controlar e utilizar os altos-mares. Até o presente temos planejado sobre a capacidade de executar na plenitude as tarefas recebidas. Essas tarefas incluem: realizar operações de controle marítimo; contenção de submarinos de ataque e míssil balístico soviéticos; imobilização de forças aero-terrestres soviéticas; proteger o trânsito de grupos tarefa de alto valor, inclusive forças anfíbias e reservas estratégicas; defesa de bases insulares estratégicas e, finalmente, proteger linhas de navegação marítimas de modo que os navios mercantes possam transportar cargas militares e outras. Uma vez que existe insuficiência de forças para se planejar a realização dessas missões simultaneamente, estabeleceremos prioridades e alocaremos forças para realizar tarefas de acordo com o poderio e o curso de ação soviéticos. É claro que se a União Soviética faz um esforço máximo para interditar as linhas marítimas de comunicação do Atlântico e está em condições de desdobrar uma grande frota de seus submarinos, haverá fortes dificuldades para o abastecimento e para os primeiros elementos de reforço. As implicações disso para os países aliados são evidentes. O reforço da Europa dependerá primeiro da capacidade de suas forças aéreas levantarem vô e, por último, da navegação marítima que fica na contingência de se ter sob controle a ameaça submarina.

Embora alguns dos itens mais urgentes se voltem por prioridade aérea durante os dias iniciais e críticos do conflito, mais de 90 por cento da tonelagem exigida circulará por mar.

Isso significa que não devemos melhorar apenas a capacidade de levantar vô, mas também nossa frota mercante; devemos também melhorar os sistemas de comunicações com esses últimos, e controlá-los melhor, de modo que os navios possam ser alertados e rapidamente deslocados para portos de carregamento.

Com as reduzidas forças da OTAN atualmente alocadas para o Comando do Atlântico, um grande esforço tem de ser dedicado à proteção das linhas aéreas e

marítimas de comunicação sobre o Atlântico. Isso pode ser alcançado através de diversas ações, sendo as mais importantes as que se seguem:

- Dar busca e destruir as forças inimigas na área do Atlântico;
- Interdição das rotas marítimas e aéreas soviéticas a partir de suas bases setentrionais nas áreas das linhas marítimas do Atlântico;
- Reforço de importantes ilhas estratégicas; e
- Apoio imediato aos primeiros navios cargueiros mercantes que devem navegar no começo.

Essas operações lançam as forças existentes a seu limite. O Comando do Atlântico deverá ser capaz de contribuir para a contenção em face da ameaça antecipada. As forças estratégicas podem executar suas missões sob diversos cenários. O poderio das forças convencionais está submetido a um processo de erosão, especialmente no contexto da estratégia de primeiro reforço para a OTAN numa guerra geral. Nem todas as missões podem ser realizadas simultaneamente e terão de ser submetidas a uma escala de prioridades. De particular preocupação é a deficiência de plataformas ASW de superfície e aéreas, escoltas de navios de comboio, poderio de decolagem anfíbia, poder de contramedidas de minas, e apoio logístico móvel para longo alcance de unidades da frota.

AMÉRICA LATINA

IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA

Nas mãos de uma potência estrangeira inamistosa, o controle da América Central ou do Caribe permitiria uma larga escala de medidas militares, inclusive ataque estratégico de alcance curto. O Canal do Panamá é um importante fator de defesa que facilita o reforço das forças dos EUA na Europa. A negativa de seu emprego aumentaria a importância das linhas marítimas de comunicação em torno da América do Sul. Um país como o México, estável e amigo, com sua fronteira comum de 1.800 milhas, é importante para a manutenção da segurança dos EUA.

As matérias-primas da América Latina, e suas potenciais matérias-primas, ampliam a importância estratégica da área. Esses países abastecem os Estados Unidos com aproximadamente 50 por cento de nossas importações totais de seis materiais estratégicos, sendo o Brasil, a Venezuela, o Peru e Jamaica alguns dos importantes fornecedores de matérias-primas. Os Estados Unidos importam da América Latina nove por cento, aproximadamente, de suas importações totais de petróleo bruto. As refinarias do Caribe fornecem aproximadamente 50 por cento do petróleo refinado importado pelos Estados Unidos.

A potencial força econômica e militar da região aumenta sua importância estratégica. O Brasil e a Argentina possuem a tecnologia e a capacidade econômica para se tornar potências nucleares e dispõem de um potencial militar que contribui para a defesa do hemisfério.

Embora distanciados geograficamente, os soviéticos têm interesses na região. A América Latina é de interesse estratégico para a União Soviética em virtude do potencial de suas forças para operar nas vizinhanças dos Estados Unidos. Isso eloqüentemente demonstrado em 1962, em Cuba. De importância secundária para os soviéticos é o comércio, tal como o trigo da Argentina.

A China também tem interesses comerciais, bem como um modesto programa de ajuda a países do Terceiro Mundo, contrariando a influência soviética. A China estende créditos ao Chile e ajuda a Guiana e a Jamaica.

Não existem forças soviéticas ou chinesas em operação na área da América Latina, com exceção de ocasionais navios soviéticos e desdobramentos de aeronaves em Cuba. Técnicos e assessores militares soviéticos em Cuba dão assistência na manutenção e operações de treinamento de lanchas porta-mísseis, mísseis superfície-ar e aeronaves de combate a jato. O Peru recebeu equipamento de defesa aérea e de artilharia de campo, e está comprando aeronaves de combate dos soviéticos.

A estabilidade da área vê-se afetada por desordem política, desigualdades sociais, debilidade econômica, disputas fronteiriças, questões de direitos humanos, surgimento de mini-países independentes, e a diminuição de benéficas influências europeias.

Os países da América Latina voltam-se cada vez mais para organizações econômicas regionais para promover seus interesses coletivos e para contrabalançar o clima político e econômico que, da perspectiva deles, é excessivamente dominado pelos Estados Unidos. Em alguns países existe um forte sentimento para a criação de cartéis semelhantes à OPEP e para a nacionalização de indústrias estrangeiras de base.

A atual capacidade das forças da América Latina para defender-se contra uma moderna força do exterior, ou para participar na defesa do hemisfério, é mínima. As marinhas da América Latina ganharam 17 anos de experiência nos exercícios marítimos combinados que se realizavam anualmente com a Marinha dos EUA (UNITAS). As deficiências mais significativas das forças armadas latino-americanas seriam o apoio logístico que afeta a força permanente de combate.

O desejo da América Latina por uma moderna e sofisticada aviação e por navios lançadores de foguetes parece inviável para os Estados Unidos, e tem sido frustrado pela recusa americana de ajuda estrangeira. Nossa recusa em atendermos às notórias necessidades desses países só tem resultado na diminuição da influência dos EUA, não numa redução nos gastos em armamento, uma vez que esses países compram em outra parte. O desenvolvimento de forças militares profissionais e eficientes, com a correspondente aquisição de armas, resulta na transferência de tecnologia a uma enorme quantidade de conscritos que então se incorporam à força nacional de trabalho. Isso é particularmente certo na América Latina de hoje, onde as forças militares tendem a ser o fator mais coesivo e o grupo mais ativo na procura de modernização.

A principal ameaça aos interesses dos EUA na América Latina são os esforços da União Soviética e de Cuba para instalar bases de influência que explorem as instáveis condições econômicas e sociais predominantes, e interferir no acesso dos EUA aos materiais estratégicos. Cuba está penetrando com sucesso na infra-estrutura dos países do Caribe. Os soviéticos vêm a venda de armas como um meio eficaz de penetração. Recentemente eles não lograram êxito na venda à Colômbia de barcos lançadores de mísseis, mas venderam ao Peru um modelo de avião altamente sofisticado. Com essa venda virão técnicos soviéticos, como advirá a oportunidade de maior influência.

Embora dispendiosa, aproximadamente de \$ 2,3 milhões por dia, os soviéticos tiram as maiores vantagens de sua delegada ajuda ao Caribe através de Cuba. Até agora as técnicas de Castro neste hemisfério têm sido, basicamente, não-militares e sutis de um modo geral. Parece que ele está consciente de que uma ostensiva ação militar perto dos Estados Unidos poderão precipitar uma forte reação norte-americana. Concentrando esforços de preferência no Caribe, Castro ganha penetração com programas de infra-estrutura, tais como projetos de desenvolvimento econômico e acordos de amizade. Ao mesmo tempo, ele treina em Cuba as forças de segurança do país receptor, como o fez com a Jamaica e a Guiana. Por outro lado, Cuba apoia ostensivamente a revolução, a subversão e o terrorismo em toda a América Latina.

A Zona do Canal do Panamá vê-se ameaçada por subversão espontânea ou por distúrbio civil instigados por grupos nacionalistas radicais e pelo apoio comunista. Embora pequenos em número, esses grupos têm possibilidade de ampliar demonstrações emocionais, de ameaçar a segurança do pessoal dos EUA e a interromper as operações do canal. Se fracassarem as atuais negociações sobre o Canal, ou deixem de satisfazer às aspirações panamenhas, o Canal se tornará mais vulnerável à sabotagem.

No caso de agressão dentro da América Latina, os Estados Unidos estão vinculados a dois tratados: a Carta da Organização dos Estados Americanos (OEA) e o Tratado Inter-Americano de Assistência Recíproca, conhecido como Tratado do Rio de Janeiro.

A Carta da OEA estabeleceu a "instituição" do Sistema Inter-Americano e é, basicamente, um documento político. Ele dispõe de um conselho permanente com poderes para realizar consulta imediata até que possa se realizar a Reunião de Consulta (ministro do exterior). E reafirma uma doutrina de segurança coletiva — o ataque a um dos membros será considerado como um ataque a todos — embora nenhum país seja obrigado a agir contrariamente a suas disposições constitucionais.

O Tratado do Rio de Janeiro obriga as partes contratantes a buscarem acordo para controvérsias dentro do sistema Inter-Americano através da OEA, antes de levarem o problema às Nações Unidas. Um ataque a um país é considerado um ataque a todos. A área do tratado é definida como, mais ou menos, 200 milhas a partir da América do Norte e do Sul, inclusive o Canadá. Esse tratado não dispõe sobre forças, estrutura de comando ou cláusula automática de guerra.

Potência Militar dos EUA

Em quase todos os países da América Latina e em alguns do Caribe, nossos MAAGs, Grupos Militares e adidos projetam a presença militar e a influência norte-americana através de programas de assistência de segurança, funções consultivas, obrigações diplomáticas e coleta de informações. As forças e bases dos EUA estão localizadas em Guantanamo, Cuba, Porto Rico e Panamá. Pequenas instalações da Força Aérea e da Marinha estão localizadas nas Baamas e numa cadeia de ilhas do Caribe oriental, para lançamento de mísseis/satélites e vigilância submarina.

As forças da Zona do Canal e em Guantanamo são mantidas num alto grau de prontidão, por causa da ameaça óbvia em ambas as áreas. Qualquer recrudescimento em distúrbios civis no Panamá exigiria o reforço das forças baseadas no CONUS. A atividade militar contra Guantanamo exigiria uma reação militar dos EUA a partir das forças do CONUS.

O Exército e a Marinha do Brasil, a Marinha chilena e um esquadrão da Força Aérea do México combateram ao lado dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. A Colômbia contribuiu com dois destróiers e tropas terrestres na guerra da Coreia. Dois destróiers argentinos e torpedeiros dominicanos participaram da Quarentena de Cuba. Em 1965, uma Força Inter-Americana de Paz, que incluiu elementos dos Estados Unidos, do Brasil, da Costa Rica, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Paraguai restabeleceram a ordem na República Dominicana. Forças armadas latino-americanas não se envolveram na guerra do Vietnam. Tampouco houve ação latino-americana contra a intervenção cubana em Angola; entretanto, muitos países manifestaram preocupação.

As contribuições e as possibilidades militares da América Latina são fundamentalmente as de manter a segurança interna e a auto-defesa. A contribuição para a defesa do hemisfério não parece provável até que a ameaça se torne mais óbvia. O Brasil e a Argentina possuem o maior potencial para contribuir para a defesa mútua do hemisfério.

Os Chefes de Estado-Maior das Forças Armadas estão representados no Conselho Inter-Americano de Defesa, que tem representantes militares da maioria dos países da América Latina. Esse órgão proporciona valiosos canais de comunicação e um foro para reforçar o entendimento profissional, a cooperação e as relações entre os Estados Unidos e os países latino-americanos.

O exercício conjunto anual centro-americano, CONDECA, os exercícios conjuntos da Marinha americana e de alguns países sul-americanos, UNITAS, e o exercício de vigilância, HALCON VISTA, são exemplos de exercícios conjuntos que servem para intensificar a segurança coletiva.

Os britânicos, os holandeses e os franceses deram, no passado, estabilidade à região, especialmente no Caribe. Mas, a partir de 1962, com a independência da Jamaica, os ingleses retiraram-se da área. Duas fragatas inglesas em patrulha no Caribe e um batalhão em Belize consistem na presença militar britânica na região.

Uma força militar holandesa de um destróier de escolta, uma esquadrilha da ASW e duas companhias de fusileiros permanecem nas Antilhas do Caribe Holandês. Os franceses fazem visitas infreqüentes e mínimas a Guadalupe, Martinica e Guiana Francesa.

Os objetivos militares dos EUA são evitar o estabelecimento de bases militares hostis aos interesses norte-americanos, manter o acesso aos recursos regionais, garantir a segurança e a operação irrestrita do Canal do Panamá, e evitar o envolvimento ativo das forças dos EUA na segurança interna.

Nossos métodos para atender a esses objetivos militares podem ser resumidos da seguinte maneira:

- Depositar confiança prioritária nas forças nacionais para arrostar ameaças internas;
- manter a postos forças que, juntamente com forças desdobráveis a partir do CONUS, possam garantir a segurança e a operação da Zona do Canal do Panamá;
- Apoiar alianças regionais e organizações de tratado, e
- realizar exercícios combinados e treinamento.

A influência soviética e cubana, prejudicial aos interesses de segurança dos EUA, continua insidiosamente na América e no Caribe. A penetração na infra-estrutura na forma de assistência técnica, educação econômica, cooperação cultural e laços de amizade constitui um método sutil que promove os objetivos soviéticos e cubanos sem provocar os Estados Unidos ou mesmo sem despertar muita preocupação pública. A venda de armas soviéticas, como a recente venda de bombardeiros ao Peru, é algo de mais óbvio. Ainda continua a existir um relacionamento bastante amigável entre representantes das Forças Armadas dos EUA e os militares latino-americanos. Em virtude do extraordinário papel de liderança que têm os militares latino-americanos, é importante que estimulemos esse tradicional relacionamento de militar para militar, mostrando-nos receptivos às legítimas necessidades de modernização de forças, promovendo destarte um clima favorável para se atingir as metas políticas, econômicas e de segurança dos EUA neste hemisfério. Recentes cortes em nossas verbas de treinamento militar internacional, a eliminação de alguns grupos militares e reduções em outros têm sido interpretados por alguns como uma redução do interesse dos EUA nessa região.

Como os países latino-americanos lutam para acelerar o ritmo de seu desenvolvimento econômico e industrial, podemos esperar que eles conduzam seus negócios de acordo com as próprias percepções de evolução de seus interesses nacionais. Assim fazendo, podemos esperar razoavelmente confrontos ocasionais com eles, ou em separado ou como parte de um bloco do Terceiro Mundo.

Os Estados Unidos deverão continuar a trabalhar no sentido de uma melhora de grande alcance de nossas relações com cada país latino-americano e com a região em geral, para proporcionar uma moldura de compreensão dentro da qual os interesses de segurança dos EUA sejam promovidos.

AMÉRICA DO NORTE

Importância Estratégica

A segurança dos Estados Unidos depende da liberdade e da independência de todo o continente norte-americano.

O Canadá considera sua soberania e sua sobrevivência nacional em termos semelhantes aos nossos. É natural que nossos dois países permaneçam ideologicamente aliados. Nas últimas décadas temos destacado essa aliança pelo estruturamento de forças de defesa para a proteção da América do Norte como uma entidade única, com pouca preocupação para com fronteiras. O Canadá é nosso único parceiro no Comando Norte-Americano de Defesa Aeroespacial (NORAD).

No ano passado obteve-se progresso significativo pela conclusão ou quase conclusão de uma série de acordos bilaterais de defesa, abrangentemente atualizados com o Canadá. Esses acordos dispõem sobre o sedimento avançado e disperso de caças e interceptores do Comando de Defesa Aeroespacial (ADCOM), e também tanques SAC, convênios para o uso de áreas de treinamento em mar alto para os submarinos dos EUA, direitos de sobrevoar o espaço e de reabastecimento ar-ar para bombardeiros e nossas forças de ataque estratégico, e a contínua disponibilidade de uma instalação essencial de base aérea com Goose Bay, Lavrador, para operações de emergência do NORAD e da OTAN. Além disso, estamos buscando melhorias para instalações de vigilância, sobreaviso e comunicações no Canadá, que ofereçam alerta vital a mísseis e bombardeiros e vínculos de comando e controle com nossa força de resposta estratégica.

A aviação interceptadora norte-americana e canadense proporciona ao NORAD o poder de interceptar sondagens no espaço aéreo norte-americano e de defender-se contra um ataque a bombardeiro a este continente. As forças marítimas canadenses fornecem patrulhamento aéreo e marítimo na guerra anti-submarina ao longo de suas costas do Atlântico e do Pacífico. O poderio do Canadá será reforçado pelo Novo Programa de Aviação de Combate (NFA) e pela recente decisão de comprar 18 CP-140, versões do P-3 da Marinha norte-americana, como um substitutivo para seus antigos aviões Argus. Ambas as iniciativas indicam uma solução canadense para garantir uma defesa estratégica atuante, embora limitada, da América do Norte.

A ameaça imediata à América do Norte consiste fundamentalmente de mísseis balísticos intercontinentais soviéticos (ICBMs), mísseis balísticos mar-terra (SLBMs) e bombardeiros de grande raio de ação, oferecendo mais de 3.000 veículos de carga nuclear, que possuem um poderio suficiente para atingir alvos no Alasca, no Canadá e Estados Unidos. As forças soviéticas de finalidade geral poderão ser empregadas em tempo de guerra contra o Alasca e contra techos do Canadá, situados relativamente perto das áreas soviéticas de desdobramento.

Uma ameaça potencial à América do Norte poderia ser apresentada pela utilização soviética de instalações em Cuba. Cuba poderia ser utilizada tanto como base de sedimento para bombardeiros nucleares de médio e longo alcance, como também como base de recuperação para bombardeiros soviéticos em missões procedentes de áreas do Ártico. A ilha também representa um potencial ponto de lançamento no hemisfério ocidental para mísseis balísticos de pequeno alcance (embora não exista nenhum ali no momento) e como um adequado ponto de reabastecimento para submarinos soviéticos. A presença soviética na ilha requer vigilância contínua de nossa parte.

Contribuição Militar dos Aliados — Posição

Em maio de 1975, uma ampla análise canadense sobre a defesa continental concluiu pela decisão de prorrogar o Acordo NORAD por um período adicional de cinco anos. Essa decisão reconheceu o NORAD como um instrumento eficaz de abordar os problemas de segurança canadenses-norte-americanos, e como uma contribuição para a segurança da OTAN. Os Estados Unidos reexaminaram recentemente sua política estratégica de defesa para reafirmar a importância de defender importantes áreas no mundo inteiro, bem como linhas aéreas e marítimas de comunicação contra ataque aéreo. Embora reconhecendo que continua a existir uma ameaça de bombardeio à América do Norte, o Canadá permanece fundamentalmente orientado para a vigilância pacífica e o controle da soberania de seu espaço aéreo.

Nossas forças no Alasca estão estruturadas para oferecer sobreaviso, defesa aérea limitada, e presença militar no mais aproximado ponto de contato com o território soviético. Vastas áreas de treinamento e oportunidades variadas de treinamento existem no Alasca. Já empreendemos um programa para utilizar esses recursos de treinamento, revezando ali unidades militares do Exército e da Aeronáutica.

Os esforços do Comando de Defesa Aeroespacial e do NORAD têm-se centralizado na vigilância e controle do espaço aéreo norte-americano e estado de alerta contra ataques por bombardeiros, mísseis ou naves espaciais. Nosso poderio para nos defendermos contra ataques mísseis e espaciais continua inexistente, enquanto que nossa defesa contra ataque por bombardeiro se limita à capacidade acentuadamente decrescente de nossa força de intercepção. O surgimento de um novo bombardeiro intercontinental soviético, o backfire, é motivo de preocupação para nossos esquemas de defesa. Uma atual avaliação de nossa posição de defesa estratégica exige melhoria e modernização, não apenas de nossas forças interceptoras mas também de nossa capacidade de detectar, identificar e avaliar as intenções de incursões no espaço aéreo norte-americano.

A localização exposta do Alasca requer especial consideração durante emergências de crises. Os planos de defesa do Alasca preconizam o oportuno aumento dos níveis de força militar, se necessário.

A base cooperativa para a defesa bilateral da América do Norte permanece forte. A natureza da ameaça à América do Norte continua a mudar, em vista do fortalecimento do poderio ofensivo soviético e da existência de potenciais áreas de sedimento dentro deste hemisfério.

(Transcrito do "Commanders Digest", 17/3/1977)